



AS IMPLICAÇÕES DE UMA LINGUÍSTICA APLICADA E IMPLICADA COMO CAMPO INVESTIGATIVO INDISCIPLINAR NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

*THE IMPLICATIONS OF AN APPLIED LINGUISTICS AND IMPLICATED AS
AN INTERDISCIPLINARY INVESTIGATIVE FIELD IN LANGUAGE STUDIES*

Nedson Antônio Melo Nogueira 1

Resumo: Neste estudo, é feita uma breve caracterização da área da Linguística Aplicada, compreendendo-a como campo investigativo indisciplinar. Ao decorrer das reflexões aqui apresentadas, são postos em evidência seus principais eixos norteadores. A partir desses eixos, é apresentada a relevância da perspectiva indisciplinar, assim como a imprescindibilidade de uma LA que precisa estar cada vez mais implicada na ciência e na vida daqueles/as que vislumbram um projeto político de sociedade em que todos/as sejam protagonistas, participantes ativos/as e/ou ativamente responsivos/as.

Palavras-chave: Ativamente Responsivo. Linguística Aplicada. Perspectiva Indisciplinar.

Abstract: In this study, a brief characterization of the area of Applied Linguistics is made, understanding it as an interdisciplinary investigative field. In the course of the reflections presented here, its main guiding axes are highlighted. From these axes, the relevance of the interdisciplinary perspective is presented, as well as the indispensability of an AL that needs to be increasingly involved in science and in the lives of those who envisage a political project of society in which all are protagonists, active and/or actively responsive participants.

Keywords: Actively responsive. Applied Linguistics. Multidisciplinary perspective.

1 Doutorando em Linguística, sob a área da Linguística Aplicada (LA), pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Linguística, sob a área da LA, pelo mesmo programa referenciado. É graduado em Letras/Português pela Faculdade de Letras (FALE/UFAL). Atualmente é pesquisador e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo grupo de pesquisa Estudos, Discursos, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL/FALE/UFAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7155261043138053>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4980-032X>. E-mail: nedson.nogueira@fale.ufal.br



Introdução

Neste estudo, faço uma breve caracterização da área da Linguística Aplicada (doravante LA), conceituada por Moita Lopes (2006) como campo investigativo indisciplinar. Ao decorrer de minhas reflexões iniciais, ponho em evidência, os seus principais eixos norteadores (MOITA LOPES, 2006), quais sejam: a) a imprescindibilidade de uma LA mestiça; b) uma LA que explode a relação entre teoria e prática; c) uma LA que redescreve o sujeito social ao compreendê-lo como heterogêneo, fragmentado, fluído e historicizado (PENNYCOOK, 2006); d) LA como área em que ética e poder são pilares cruciais; e e) uma LA como lugar de investimento em uma redescritção da vida social. Esses aspectos tornam-se diretrizes centrais para a compreensão da área como campo epistemológico.

Entender a LA como área de conhecimento mestiça/híbrida é pensá-la não como campo imanente em si, fechado e limitado em relação aos seus próprios paradigmas conceituais, mas, como campo que dialoga com outras áreas de conhecimento (MOITA LOPES, 2006), com outras vozes e com outros pensamentos. Nesse aspecto, por indisciplinar podemos compreender os intercruzamentos que devem/podem existir e coexistir entre as diferentes áreas do conhecimento científico, sendo este tão relevante à vida humana como um todo.

E tamanho intercruzamento somente é possível porque a LA faz gerar, segundo Fauré, (apud MOITA LOPES, 2006, p. 97), o “fenômeno do rei [rainha] sem reino”, isto é, de um campo que não fixa ou cristaliza seus conceitos, possibilitando ao/à pesquisador/a transitar por outras direções, por outros reinos, apreendendo, assim, outros métodos e modos de construir ciência que melhor dialoguem com uma concepção de pesquisa comprometida e implicada com a vida e com as pessoas (SOUTO MAIOR, 2023), não apenas com uma agenda política e ética acadêmica, mas com uma perspectiva de língua/linguagem como ação social no mundo (MOITA LOPES, 2006). Para melhor endossar essa reflexão, adotar uma perspectiva implicada de pesquisa possibilita-nos “pensar uma LA com algo a dizer à vida social contemporânea” (MOITA LOPES, 2006, p. 98).

Precisamente, o segundo aspecto – uma LA que explode a relação entre teoria e prática –, consiste na valorização, bem como no reconhecimento, dos sujeitos que colaboram, envolvendo-se no enredamento de nossas pesquisas. Com base nas abordagens de Boaventura Santos (2001; 2004), Moita Lopes (2006) denomina tais sujeitos como as vozes do sul, ou seja, as vozes daqueles/as que atuam do processo de pesquisa, ajudando-nos a construir a base do conhecimento empírico, base esta que não pode emanar de formulações abstratas, sem diálogo com as práticas sociais concretas sob as quais se encontra sedimentado o conhecimento. Sendo assim, a relação entre teoria e prática precisa ser feita de maneira articulada, em que “teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento [...], tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais” (MOITA LOPES, 2006, p. 101).

Em relação ao terceiro aspecto – uma LA que redescreve o sujeito social –, Moita Lopes (2006) afirma que desde a chamada ciência moderna, o conhecimento sobre o sujeito (enquanto construto teórico) sempre esteve alicerçado em uma concepção científica unilateral, construída sob o espectro de uma visão colonialista, baseando-se “em um sujeito homogêneo e essencializado como branco, homem, heterossexual de classe média” (MOITA LOPES, 2006, p. 103).

Em contrapartida a essa visão, através das novas perspectivas (dentre elas, feministas, *queer*, pós-coloniais, antirracistas) houve uma desconstrução na maneira de como esse sujeito estava sendo problematizado e caracterizado. Logo, na LA, esse mesmo sujeito deixa de ser um ser fabricado (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2002), tornando-se situado, historicizado. Sua redescritção passa a levar em consideração as suas singularidades e os seus vários atravessamentos sociais, culturais e identitários.

Sobre isso, é necessário tomar um novo sentido, melhor dizendo, uma direção diferente da qual sempre foi dada e/ou orientada ao barco ou, segundo Fabrício (2006, p. 52), é preciso “navegar por novos mares”, buscando outras interpretações para compreender os acontecimentos sociais, assim como a realidade. Logo, esse sujeito que antes era despolitizado, posto à margem, passa a assumir um lugar central, de visibilidade de sua narrativa histórica e sócio-histórica (MOITA LOPES, 2006).

No quarto aspecto – a LA como área em que ética e poder são os novos pilares – Moita Lopes (2006) discorre sobre o posicionamento que devemos, enquanto pesquisadores/as, assumir

mediante não apenas a nossa prática investigativa, mas também sobre os acontecimentos sociais. Em linhas gerais, o senso ético ou postura ética consiste em entendermos que não há no conhecimento acadêmico, segundo o teórico supramencionado, neutralidade ou relativismo científico. Ainda assim, segundo ele, “normas e valores refletem posições discursivas específicas, o que, de modo algum, implica relativismo ético” (MOITA LOPES, 2006, p. 103).

Vivemos em um mundo sob vários atravessamentos sociais, sendo um deles, e talvez o mais exponencial, as relações de poder, relações que encontram na arena dos signos e dos sentidos, especificamente na língua/linguagem, a sua engrenagem motora (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2021). Para tal empreendimento, Moita Lopes (2006) defende uma coligação anti-hegemônica, onde a postura ética seja sensível “na construção de significados oriundos de outras vozes” (MOITA LOPES, 2006, p. 103) e dessa forma, quem sabe, uma nova redescoberta (melhoria) da realidade vivida e vivenciada.

Para finalizar, no quinto e último aspecto – LA como lugar de ensaio e de esperança, – a área nos é enunciada e/ou anunciada como lugar de ensaio da esperança, embora Moita Lopes (2006) não destaque esse pressuposto como aspecto. Isso que dizer que precisamos construir uma LA engajada com o vivido, com o social, pondo em sua agenda as implicações e possíveis demandas que se tornam aspectos inerentes de um campo de pesquisa o qual se pauta nas problematizações sociais da vida cotidiana e não em resoluções ou em soluções imediatas dessas. Com base nisso, precisamos entender que é através de nossas pesquisas que podemos melhorar a vida social de muitos sujeitos, dando a eles o lugar de voz, de protagonismo e de visibilidade.

A partir desse breve panorama introdutório, apresento nas seções seguintes a relevância de uma LA que precisa estar cada vez mais implicada não apenas na ciência, mas, sobretudo, na vida daqueles/as que vislumbram um projeto político de sociedade em que todos/as sejam protagonistas, participantes ativos/as e, empregando um termo de Bakhtin (2011), ativamente responsivos/as.

Uma linguística implicada na vida e na pesquisa

Dentro da área da LA, é imprescindível desenvolvermos pesquisas estando, de fato, implicados/as, seja nos múltiplos contextos interacionais que construímos com o outro – no sentido bakhtiniano do termo –, seja com esse outro que, na maioria das vezes, torna-se nosso/a colaborador/a, participe de nossos projetos de pesquisas, bem como das ações sociais as quais produzimos através de nossa imersão no contexto investigativo. Acredito que, para além disso, estamos também implicados/as na vida do outro, assim como esse outro, encontra-se implicado/a em nossa vida. A partir de Moita Lopes (2006); Fabrício (2006); Moita Lopes e Fabrício (2002) e Souto Maior (2009), entendo implicação, uma das palavras-chaves na LA, como algo que nos situa tanto no tempo como no espaço, como algo que nos move e nos mobiliza, possibilitando-nos agir para interagir e produzir ações.

Notadamente, ser um sujeito situado no mundo é ser um sujeito atravessado e constituído de/por linguagem; é possuir uma língua que nos permite não apenas interagir dialogicamente com o outro, mas também marcar a alteridade, ou seja, colocar-me em relação ativamente responsiva (BAKHTIN, 2011) com esse outro, e desse outro para comigo. Ainda assim, ser situado no tempo e no espaço é ser historicizado na própria linguagem, uma vez que é através dela que significamos e construímos redes de saberes e de múltiplos sentidos.

Sobre a noção de sentidos evocada, Souto Maior (2023, p. 55) assevera que:

Os sentidos, portanto, além de não serem mera expressão de uma subjetividade monológica - ao contrário, são expressões dialógicas socialmente construídas -, repercutem sentidos para outros espaços que se articulam ao da construção do saber nas teorias.

Ainda sobre a noção de sentidos, é preciso informar que, com base numa perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2021), assim como numa perspectiva indisciplinar da LA (MOITA LOPES, 2006), não compreendo os sentidos como um aspecto

monológico e/ou linear. Não tratamos de sentido como algo unilateral, mas bilateral. Com isso, não estou dizendo que os artefatos sociais e culturais possam receber qualquer interpretação, ou seja, que possam ser interpretados de forma aleatória, mas que existem outras interpretações para além daquela que nos é orientada pela materialidade discursiva. É relevante destacar que nenhum sentido é produzido fora de suas condições de produção e nem de seu propósito comunicativo (ANTUNES, 2010).

Como bem afirmaram Bakhtin (2011) e Volóchinov (2021), no discurso, tudo está orientado para o outro, pois até o choro de uma criança recém-nascida traz um sentido orientado, não qualquer sentido, mas sentidos que vão sendo mobilizados de acordo com as condições de produção dadas no contexto situacional e interacional específico. Para melhor entendermos essa contextualização, apresento uma materialidade discursiva, isto é, uma imagem recortada de um site da internet.

Figura 1. Materialidade discursiva



Fonte: Aguiar (2021).

Na imagem projetada, vemos um menino conduzindo uma carroça que está sendo puxada por um cavalo, veículo antigo, mas ainda hoje utilizado em algumas cidades para transportar objetos e pessoas. Na imagem, vemos que o personagem está transportando alguns objetos, no que parece ser uma mudança. Essa caracterização que acabei de fazer é o sentido que produzimos numa leitura imagética mais superficial, isto é, é aquilo que é esperado interpretarmos, podemos dizer que se trata do sentido comum a todos/as.

Porém, para além desse sentido já dado, dado porque historicizado através das relações dialógicas e sociais construídas coletivamente e culturalmente (SOUTO MAIOR, 2023), há outros sentidos que podem ser emanados, recuperados na imagem, como por exemplo: a) o fato de o menino ser negro, o que fortalece, através do não dito, o estereótipo que associa o negro à pobreza, visto que a carroça, no imaginário social, é vislumbrada como um transporte de pessoas carentes das regiões mais periféricas da sociedade, além de serem veículos, em sua maioria, conduzidos por homens negros; b) a retratação da desigualdade social como tema de fundo desse enunciado não verbal, além de outros sentidos não ecoados – empregando à expressão de Souto Maior (2023), que podemos produzir e/ou reproduzir com base na nossa memória histórica, afetiva e social. Isso é possível porque, segundo Nascimento e Alomba Ribeiro (2010); Melo e Moita Lopes (2013), as palavras, assim como os seus sentidos, viajam no tempo e no espaço.

Retomando a discussão inicial desta seção, partindo dos pressupostos de Souto Maior (2023) que discorre sobre a ideia de uma “linguística aplicada e implicada na pesquisa” (SOUTO MAIOR, 2023, p. 62), e complementando a discussão sobre a presença da prática teórica na vida, Souto Maior (2023), leva-nos a refletir sobre o fato de ser a LA mais do que um campo de estudo, mas é ela, sobretudo, um campo de ação social, o qual nos implica na pesquisa e nos diferentes cotidianos da vida comunitária, permitindo-nos sermos mais que linguistas aplicados/as, mas implicados/as na relação dialógica construída e produzida para/com o outro. Nesse aspecto, a LA é:

um campo de estudo que pesquisa as práticas de linguagem numa perspectiva social e processual, que inclui sujeitos e contexto nas dimensões de participação, que questiona discussões teóricas já consolidadas e que demanda novos temas e interesses institucionais de pesquisa (SOUTO MAIOR, 2023, p. 62).

Como dito na citação acima, e estando sob as diferentes abordagens dos estudos de Fabrício e Moita Lopes (2002); Fabrício (2006); Moita Lopes (2006); Signorini (1998) e Souto Maior (2009; 2018; 2023), estar situado no campo da LA é mais do que fazer descrições analíticas, levantamentos de hipóteses artificiais, testar conceitos pré-estabelecidos praticamente prontos para ver a sua correlação ou não com uma determinada realidade, sendo esta muitas vezes imaginada. Ser um/a linguista aplicado/a, ou mais precisamente um/a linguista implicado/a, ou ainda se preferirmos, linguista aplicado/a implicado/a, é compreender os diferentes tangenciamentos e tensionamentos que aferem as práticas discursivas de linguagens na vida social.

Para uma melhor sistematização do que estou trazendo aqui, a partir de Souto Maior (2023), sobre a relevância de uma “linguística aplicada e implicada na pesquisa” (SOUTO MAIOR, 2023, p. 62), a teórica referida, embasada em Fabrício (2006), define três pontos balizadores de caracterização, dentre os quais destacam-se: a) a relevância sobre o tema de pesquisa em LA e as implicações com o outro; b) contextualização das discussões nas pesquisas em LA; e c) responsabilidade sobre o dizer na narração sobre/com o mundo. Precisamente, focarei de maneira breve os aspectos centrais desses três pontos sinalizados, para termos uma maior noção de como se dá essa implicação no campo epistemológico e de ação da LA.

A relevância sobre o tema de pesquisa em LA e as implicações com o outro

Sobre esse aspecto, Souto Maior (2023), em paralelo com as discussões de Fabrício (2006) e do Círculo de Bakhtin, destaca que ser um/a pesquisador/a aplicado/a ou, mais precisamente, implicado/a na pesquisa, está atrelado a sua ação no mundo, ou seja, ao seu agir, o qual tomo aqui como agir responsivo, visto que, segundo Bakhtin (2011, p. 272) “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)”. De acordo com essa conceituação bakhtiniana, podemos inferir que todo ato enunciativo discursivo é por excelência um agir responsivo para com o outro, categoria teórica que venho cunhando a partir da conceituação exposta. É um agir responsivo porque mobilizamos ações e sentidos, construindo uma relação ininterrupta de interlocução enunciativa. Logo,

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõem já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Como destacado na citação, não somos os/as primeiros/as a violarmos o silêncio do mundo, a proferirmos as primeiras palavras, visto que elas já se encontram alastradas e historicizadas no grande tecido social. Como postulou Bakhtin (2011) e também Volóchinov (2021), todo dito, isto é, o ato enunciativo discursivo, em sua grande maioria, são reflexos, indícios de discursos já ditos, já pronunciados por outrem, embora, ao enunciarmos, darmos outro sentido quando não recuperamos os mesmos. Nunca enunciados do mesmo jeito.

Em relação à compreensão ativamente responsiva (BAKHTIN, 2011) que fazemos da palavra do outro, independentemente de nosso posicionamento (se convergente ou divergente) somos respondentes em potencial, uma vez que toda compreensão de algo ou sobre alguma coisa nos impulsiona a responder de maneira ativamente responsiva. Até quando somos questionados/as sobre algum fato e ficamos em silêncio, sem esboçar nossa posição, ainda assim, estamos assumindo uma compreensão ativamente responsiva (BAKHTIN, 2011) sobre aquilo acerca do qual não quisemos opinar, visto que mesmo em silêncio, produzimos sentidos, isto é, compreensões para o que não estamos verbalizando. Nós refletimos em silêncio, e isso corresponde ao que Bakhtin (2011) denomina por compreensão responsiva silenciosa, ou seja, trata-se daquilo que não respondemos ou que não respondemos logo de imediato.

Com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, tanto a relevância do tema em LA, bem como as implicações com o outro, demandam, em relação aos temas de pesquisa, uma postura crítica situada “que promovem o engajamento dos estudos acadêmicos em questões sociais, que, de certa forma, não se circunscreve em categorizações de fenômenos” (SOUTO MAIOR, 2023, p. 66).

No tocante a implicação do outro na pesquisa, de acordo com Moita Lopes (2006), esses precisam assumir e serem reconhecidos como sujeitos e não como objetos sobre o quais se falam, pesquisam-se, e categorizam-se, uma vez que a “pesquisadora ou o pesquisador que deixa de ser a voz ‘do outro’ para ser ‘com o outro’ uma voz plural tende a ser tornar um pesquisador implicado em seu discurso, em sua pesquisa, em suas ações na vida” (SOUTO MAIOR, 2023, p. 68).

Essa reflexão de Souto Maior (2023) sobre a implicação do outro na pesquisa entra em consonância com o que já expus na introdução, e para o que Moita Lopes (2006) chama por vezes do sul, que consiste na necessidade de entendermos o sujeito partícipe como um ser heterogêneo, fluído, múltiplo em identidades cambiantes (HALL, 2006), além de marcado por vários atravessamentos sociais, políticos, ideológicos. Nessa linha de raciocínio, estabelecemos uma relação de dialogicidade com esse outro, entendendo esse outro como um sujeito social singular e, ao mesmo tempo, múltiplo (MOITA LOPES, 2006).

Contextualização das discussões nas pesquisas em LA

Neste segundo ponto balizador, Souto Maior (2023) chama atenção para dois aspectos cruciais: a construção de uma metodologia contextualizada, complementando a teórica, de uma metodologia implicada a partir do conhecimento de mundo trazido pelos sujeitos; e a relevância do ato ético discursivo das narrativas sobre o mundo descrito e/ou caracterizado nas pesquisas.

Antes de sintetizar essas reflexões da teórica supramencionada, é importante destacar que em LA as pesquisas atendem a uma abordagem interpretativista discursiva dos sentidos (SOUTO MAIOR, 2023). Sobre esse aspecto, segundo Souto Maior (2023), as pesquisas que apresentam essa abordagem não se pautam em meras descrições e nem em extrações de indícios linguísticos no texto dos sujeitos sem nenhuma problematização, buscam “questionar como esses indícios se implicam na história vivenciada por ambos, pesquisador/a e colaborador/a participante” (SOUTO MAIOR, 2023, p. 67).

Em linhas gerais, sobre a construção metodológica, Souto Maior (2023) ancorada teoricamente em Stella e Braith (2021), destaca a importância de procurarmos alternativas metodológicas para elaboração dos instrumentos de pesquisa, assim como a importância de levarmos em consideração os saberes locais produzidos pelos sujeitos partícipes. Nesse ínterim, quero chamar atenção para o fato de em LA os instrumentos metodológicos serem flexíveis, podendo mudar ou serem construídos de acordo com as necessidades da própria pesquisa, assim como pelas condições de produção.

Precisamente, essa linha de raciocínio dialoga com o segundo ponto e/ou princípio de Moita Lopes (2006) já explanado na parte introdutória deste texto: LA como área a qual explode a relação entre teoria e prática, ou seja, uma LA que produza conhecimento dialogando com os saberes locais, em que teoria e prática estejam articuladas, implicadas, e não separadas, onde ambas sejam processos de um saber coletivamente construído e situado entre todos/as. Isso leva em consideração o ato ético discursivo que consiste, conforme Souto Maior (2023), na legitimação

das vozes e das narrativas não apenas dos/as pesquisadores/as, mas dos/as partícipes. É preciso, através de nossas pesquisas, desconstruir as verdades absolutas, principalmente as verdades de uma ciência positivista que sempre nos foi apresentada como única e universal, deslegitimando, quando não marginalizando, outras possibilidades de conhecimentos.

Responsabilidade sobre o dizer na narração sobre/com o mundo

Neste terceiro e último ponto balizador, Souto Maior (2023) traz como tema de fundo os seguintes aspectos: a renovação do conhecimento através da contextualização e identificação (não no sentido tradicional) dos problemas e das nuances, o que requer uma postura plural, humanizadora das práticas discursivas de linguagens ali socializadas. Isso põe-nos a (re)pensar cada vez mais sobre a adoção de uma perspectiva da escuta sensível, como destaca a própria teórica, mais ainda, de uma escuta envolvente. Com isso, quero dizer que é preciso escutarmos de maneira sensível os/as nossos/as partícipes, darmos sempre lugar de voz a ele/as, pois, quem melhor do que os/as próprias partícipes para falarem, relatarem as problemáticas de seus próprios contextos?

Uma LA implicada, engajada na vida de seus atores, busca catalisar esse movimento de diálogo entre escutar e aprender, e vice-versa, para a transformação e emancipação crítica e ética dos sujeitos implicados. Estabelecendo um paralelo, essas colocações aproximam-se do quarto ponto colocado por Moita Lopes (2006): LA como área em que ética e poder são os novos pilares. Tanto Souto Maior (2023) como Moita Lopes (2006) apontam a necessidade de se desnaturalizar, desestabilizar, a partir de uma nova agenda para a LA, princípios, noções e conceitos tradicionais positivistas que sempre soaram como regras e/ou verdades inquestionáveis. A seguir, veremos como uma perspectiva indisciplinar efetiva e implicada com a voz e o discurso do outro (SOUTO MAIOR, 2023) fortalece essa desnaturalização.

LA como campo investigativo indisciplinar

Além de sinalizar a relevância de uma perspectiva indisciplinar para a desnaturalização das ditas verdades absolutas as quais ainda nos atravessam, trago a reboque uma reflexão sobre a noção indisciplinar da LA defendida por Moita Lopes (2006). Em primeiro lugar, precisamos entender que o foco da LA como área de conhecimento epistemológico não é o conhecimento em si, mas, conforme destaca Kleiman (1998), é o conhecimento das práticas de uso e de aprendizagem da língua/linguagem nas/pelas instituições sociais. Essas práticas são situadas porque acontecem num determinado contexto social de interação, seja este contexto educacional, político, jurídico, não se tratando de aplicação de conceitos linguísticos (MOITA LOPES, 2006). Entretanto, segundo Moita Lopes (1998), a pesquisa em LA é aplicada porque ocorre no contexto de aplicação, diferentemente de se fazer aplicação de LA no contexto ou no campo de ação social.

A noção indisciplinar começa a tomar uma maior visibilidade a partir das ideias de Moita Lopes (1998; 2006), amadurecendo no decorrer do tempo e de seus novos estudos. Com base em Moita Lopes (1998; 2006), penso o caráter indisciplinar da LA como um campo aberto, no qual podemos transitar sem restrições pelas diversas áreas do saber. Em nossos projetos de pesquisa é comum, na maioria das vezes, buscarmos embasamentos para determinadas reflexões em áreas e/ou em linhas de pesquisa diferentes da nossa episteme. Acredito que ser linguista aplicado/a é estar em busca de sentidos, atravessando diferentes reinos – metáfora de Fauré (*apud* MOITA LOPES, 2006) – sem ter um reino fixo ou, como bem questionou Celani (*apud* MOITA LOPES, 2006, p. 19) “há um lugar para reinos no domínio do saber?”.

Sendo a LA um campo indisciplinar, nossas pesquisas, assim como nossa ação no mundo, tornam-se também indisciplinadas, o que converge para a desnaturalização das verdades absolutas e de visões distorcidas de mundo que tanto marginalizou e continua marginalizando minorias mundo afora. Assumirmos uma postura indisciplinar nos torna questionadores/as (MOITA LOPES, 2006) do que Souto Maior (2009; 2018) denomina por Discursos Envolventes, os quais conferem às impressões o aspecto de verdades fantasmagóricas. São discursos que, muitas vezes, reproduzem sentidos fossilizados ou constroem outros pelo acontecimento discursivo (SOUTO MAIOR, 2023).

Assim, a partir de Moita Lopes (2006), adotar uma postura indisciplinar é reinventar outras formas de produzir conhecimento, implicando-se com o outro para a transformação de uma vida social melhor, mais justa e inclusiva a todos/as.

Considerações Finais

Em minhas reflexões, busquei apresentar uma síntese sobre os principais pontos dos pressupostos de Moita Lopes (2006) que norteiam a abordagem dos estudos da LA, compreendendo-a como área e/ou como campo indisciplinar, embora haja pesquisadores/as que defendam um caráter transdisciplinar. A partir desse percurso, fui estendendo as reflexões, aparando-me nas ponderações de Souto Maior (2023), a qual discorre sobre uma LA mais do que aplicada, precisando esta estar implicada na vida e na pesquisa, visto que essas duas dimensões não podem ser dissociadas uma da outra, uma vez que devem estar em contínuo processo dialético. Como Souto Maior (2023) destacou, uma LA implicada na vida e na pesquisa vislumbra a articulação e pluralização de vozes, de saberes, bem como de discursos, orientada por uma perspectiva da escuta sensível, afetiva e comunitária.

Para finalizar, vimos também a relevância de uma abordagem indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), principalmente para a desnaturalização dos regimes de verdades ainda postos em nossa sociedade por uma matriz colonialista e positivista de ciência, que sempre desconsiderou a gênese histórica, cultural, política e científica do que Moita Lopes (2006) chamou de as vozes do sul, as vozes daqueles/as que caminham conosco, sendo co-autores/as de nosso fazer pesquisa, mais precisamente fazer ciência.

Referências

AGUIAR, Pablito. Ilustração. **Carroças no Aterro**. Publicada em 22 mar. 2021. Disponível em: <http://semrecreio.licaodecasa.org/sudeste/>. Acesso em 10 jun.2023.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da. (org.). **Por uma linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-63.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIMAN, Angela B. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 51-77.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da. (org.). **Por uma linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-105.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. A transdisciplinaridade é possível em Linguística aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p.113-128.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da.; FABRÍCIO, Branca Falabella. Discursos e vertigens: Identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Revista Veredas: Est. Ling**, Juiz de Fora, v.6, n. 2, p. 11-29, 2002.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES Luiz Paula da. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 54, n. 1, p. 53–78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8641521>. Acesso em: 18 jun. 2023.

NASCIMENTO, Gabriel; ALOMBA RIBEIRO, Maria D’Ajuda. Análise semântica e pragmática dos significantes neguinho (a) e nego (a) no século XIX e no mundo contemporâneo. **Cadernos do CNLF (CIFEFil)**, v. 14, n. 4, t.3, p. 2347-2355, 2010.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da. (org.). **Por uma linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Do pós-moderno ao pós-colonial**. E para além de um e de outro. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mimeo, 2004.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. **As constituições de ethos e os discursos envolventes no ensino de língua portuguesa em contexto de pesquisa-ação**. 2009. 200f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. Os saberes docentes e a constituição de ethos no Pibid/Letras: A construção de uma ética discursiva. In: FIGUEIREDO, José Quaresma de; SIMÕES, Darcilia (Org.). **Contribuições da Linguística Aplicada para a educação básica**. São Paulo: Pontes, 2018, p. 133-185.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana. In: OLIVEIRA JR., Miguel; MAGALHÃES, Ana Clara (ORGS.) **30 anos do PPGL UFAL**. São Paulo: Pontes, 2023, p. 52-77. mimeo.

STELLA, Paulo Rogério; BRAIT, Beth. Tensão e produção de sentidos em Bakhtin e o Círculo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 21, n. 1, p. 151-169, jan./abr. 2021.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (org). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 99-110.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2021.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.